



Encontro
da **Rede** **10**^o
de **Estudos Rurais**

**“Terra, Fome e Poder:
Desafios para o rural contemporâneo”.**

27 a 31 de Agosto de 2023, UFSCar, São Carlos - SP

**IMPACTOS DAS COLONIALIDADES DO PODER E DA NATUREZA NO MODO DE VIDA
E PRODUÇÃO CAMPONESA COMUNIDADE RIACHO DOS CAVALOS, MONTE ALEGRE,
PIAUÍ**

Vanessa Borges Tavares

**GT: Transformações nos modos de vida, violência e formas de resistência no meio
rural brasileiro.**

RESUMO

A pesquisa realiza-se na comunidade Riacho dos Cavalos, comunidade camponesa do município de Monte Alegre do Piauí, território afetado pelo agronegócio. O principal objetivo foi analisar os impactos das colonialidades no modo de vida e de produção dos (as) camponeses (as), bem como as contracolonialidades exercidas na comunidade Riacho dos Cavalos. A pesquisa foi desenvolvida de forma qualitativa. Como técnica para coleta de dados fizemos uso de entrevistas e rodas de conversa com os (as) camponeses (as) da comunidade. Como resultados apresentamos inúmeras transformações no modo de vida e de produção tais como a adesão por parte de alguns camponeses à lógica do agronegócio, perda de costumes, saberes invisibilizados e tidos como atrasados ou desnecessários. Mas, identificamos também, alternativas contracoloniais que são produzidas pelos (as) camponeses(as). De modo geral, a pesquisa evidencia que, aqueles que estão aderindo aos pacotes tecnológicos do agronegócio, ainda mantém algumas

crenças características do campesinato. Por outro lado, muitos que ainda mantêm muito forte o modo de produção camponesa, também aderem em algum momento aos produtos do agronegócio. São duas lógicas em constante disputa na comunidade Riacho dos Cavalos.

Palavras-Chave: Campesinato, Descolonização, Teorias pós-coloniais

INTRODUÇÃO

O Cerrado está ligado com quase todos os outros biomas brasileiros. Isso resulta em um bioma com imensa biodiversidade de fauna e flora. É, também, considerado “berço das águas”, com cursos d’água que abastecem do rio Madeira ao São Francisco, do rio Paraná ao Parnaíba, do Doce ao rio Paraguai, além de três dos aquíferos mais importantes do Brasil (PORTO-GONÇALVES, 2019; FIAN, 2018).

Cerca de 25 milhões de pessoas vivem no Cerrado, sendo mais de 50 territórios indígenas, centenas de comunidades remanescentes de quilombos uma infinidade de comunidades camponesas que, “ao longo da história, desenvolveram estratégias próprias de adaptação aos diversos ecossistemas presentes no domínio do Cerrado e suas áreas de transição” (MAZZETO SILVA, 2009, p. 99).

Entretanto, visões coloniais e equivocadas tratam o Cerrado, por um lado, como um espaço homogêneo, passível de ser devastado para dar lugar a pastos, monocultivos, mineração, “energias limpas”, megainfraestruturas e um espaço sem gente, sem conhecimentos e sem cultura (PORTO-GONÇALVES, 2019).

Por outro lado, quando as vozes dos povos do cerrado ecoam nas veredas e chapadões, as visões coloniais procuram invisibilizar esses povos taxando-os de atrasados, apegados a tradições irracionais e sem espírito empreendedor, uma vez que não tratam a terra como uma empresa (MAZZETTO SILVA, 2006) ou cooptar suas mentes (SHIVA,2003) pelo discurso do desenvolvimento.

De acordo com Porto-Gonçalves (2019, p.8), essas visões coloniais se expressam, na violência contra seus ocupantes tradicionais; no acentuado êxodo rural com suas sequelas de perda de diversidade cultural; na degradação das condições ecológicas – erosão genética (diminuição acentuada da fauna e da flora); na perda acentuada de solos; no desequilíbrio hídrico (rios perenes que se tornam intermitentes ou,

simplesmente, deixam de existir; enchentes e secas mais acentuadas); na contaminação de rios e lagoas pelo uso de agrotóxicos e, ainda, em uma extrema concentração fundiária, de poder e de riqueza.

Quando contextualizamos essa problemática para o sul do Piauí, percebemos que a região tem passado por diversas transformações, resultantes dessas colonialidades.

Nesse sentido, essa pesquisa questiona: como as colonialidades impostas, pela lógica do desenvolvimento denominada agronegócio aos camponeses, têm impactado o modo de vida e de produção agrícola da comunidade Riacho dos Cavalos. Quais as contracolonialidades são exercidas pelos(as) camponeses(as). Dessa maneira, a pesquisa tem como principal objetivo analisar os impactos das colonialidades no modo de vida e de produção dos(as) camponeses(as), bem como as contracolonialidades exercidas na comunidade Riacho dos Cavalos, Monte Alegre, Piauí. Para atender a esse objetivo, delimitamos os seguintes objetivos específicos: Identificar as principais mudanças na forma de produção e modo de vida na comunidade; verificar como as ideias e práticas coloniais chegam ao conhecimento dos(as) camponeses(as).

Para a realização da pesquisa, nos ancoramos em aparato bibliográfico e metodológico centrado nas epistemologias do sul, que tratam dos processos de colonialidades e contracolonialidades, assim como preza por uma pesquisa mais engajada e participativa.

Foi primordial iniciar a pesquisa, identificando os sujeitos que residem na localidade Riacho dos Cavalos, conhecendo as formas de produção e modo de vida da comunidade. O fato de a autora pertencer à comunidade e estar cursando o curso de licenciatura em Educação do Campo trouxe maior facilidade nessa etapa da pesquisa.

A extensa revisão bibliográfica nos ajudou a entender alguns fenômenos e provocar um diálogo com os(as) camponeses(as), que somaram a esta pesquisa com seus saberes e percepções. Esses diálogos aconteceram da seguinte forma: foram realizadas sete entrevistas abertas entre os dias 11/04/2022 e 15/04/2022 e três rodas de conversa no dia 11/04/2022. Nas rodas de conversa contamos com a participação de nove camponesas e cinco camponeses. Já nas entrevistas abertas contamos com a participação de três camponesas e quatro camponeses.

Outra ferramenta metodológica importante na pesquisa, foi o diário de campo, em que se registrou vários elementos da observação direta que realizamos durante as entrevistas.

Inclusive um dos camponeses entrevistados nos levou para conhecer seu agroecossistema e relatou a forma como maneja a terra. Vale destacar que a observação direta aconteceu em diversos momentos do cotidiano da comunidade.

A análise dos dados se deu de forma qualitativa a partir da categorização dos dados e sistematização por núcleo de sentidos.

DESENVOLVIMENTO

Avanços da lógica desenvolvimentista e as múltiplas colonialidades no sul do Piauí

O recorte dessa pesquisa não nos permite fazer uma busca e exposição das origens do conceito de desenvolvimento em clássicos como Adam Smith, Karl Marx, Joseph Schumpeter, Arthur Lewis, Arturo Escobar, entre outros. Entretanto, com base nas epistemologias latinas vamos esclarecer nosso entendimento do conceito de desenvolvimento.

Miriam Lang (2016, p. 25-26), afirma que, “em princípio, o desenvolvimento é um processo natural: as plantas, os animais e os humanos nos desenvolvemos a partir de uma semente, um ovo, um embrião, até alcançarmos a maturidade”. Portanto, o termo costuma despertar associações positivas. Ou seja, tudo aquilo que “ajuda o desenvolvimento de um território, de uma cidade, de uma população, deve ser bom”.

Entretanto, como aponta Alberto Acosta (2016), a lógica desenvolvimentista dominante, não tem nada a ver com essa ideia de desenvolvimento do senso comum, que remete ao processo natural por meio do qual os seres humanos, historicamente, buscaram satisfazer suas necessidades (ACOSTA, 2016).

Para o autor, a ideia de desenvolvimento, difundida nos meios de comunicação e na maioria das propostas empresariais e governamentais, surgiu como uma exigência global de difusão do modelo de sociedade capitalista norte-americano e europeu, uma lógica que se consolidou numa estrutura de dominação que divide o mundo e as pessoas em “desenvolvido-subdesenvolvido, pobre-rico, avançado-atrasado, civilizado-selvagem, centro-periferia”.

Dessa maneira,

Os modos de organizar a sociedade e a economia, os modos de conceber o mundo e de se estar nele, os conhecimentos e saberes

de grande parte da população mundial foram desqualificados como pobres, atrasados, insuficientes, por uma única razão: existem por fora do sistema de produção e dos mercados capitalistas. Essa é a meta do 'desenvolvimento': incluir territórios não totalmente permeados pelas logicas e práticas capitalistas aos circuitos de acumulação de capital, transformar populações em consumidores, camponeses de subsistência em assalariados ou informais, bens naturais em commodities, propriedades coletivas em privadas e vendável, com um só objetivo: aumentar os fluxos de dinheiro e, assim, o 'crescimento econômico', paradigma irmão de 'desenvolvimento' (LANG, 2016, p.31).

De acordo com a lógica desenvolvimentista, todo território que não atende ao padrão capitalista norte-americano-europeu é subdesenvolvido, portanto, deve buscar o desenvolvimento.

Quando analisamos a realidade do sul do Piauí, observamos, nitidamente, esse processo de inclusão dos territórios nos circuitos da acumulação capitalista sob o discurso do desenvolvimento. Entretanto, tal inclusão não acontece de forma voluntária pelos sujeitos, mas, a partir de um intenso processo de colonialidades orquestradas de diversas maneiras e em diferentes dimensões, para convencer esses sujeitos de que são pobres, atrasados e insuficientes.

De acordo com Aníbal Quijano (2007), o colonialismo tradicional acabou, mas as colonialidades são o modo mais geral de dominação da atualidade, totalmente atrelado à lógica capitalista. Isso significa, conforme Maldonado Torres (2007), que os processos coloniais se mantêm vivos na exploração dos bens naturais, em textos didáticos, na cultura, no senso comum, na autoimagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa vida.

Nesse sentido, para entender os avanços da lógica desenvolvimentista no sul do Piauí, se faz necessário entender essas colonialidades.

De acordo com Aníbal Quijano (2007), as colonialidades se baseiam [...] na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular desse padrão de poder e opera em cada um dos planos, áreas e dimensões, materiais e subjetivos, da existência cotidiana e em escala social. (QUIJANO, 2007, p. 93).

Nesse sentido podemos observar os processos de colonialidades instaurados desde os primórdios da colonização até os dias atuais, não da mesma forma, mas com o mesmo cunho opressivo e excludente. A colonialidade da natureza seria o exercício desse poder sobre a natureza. De acordo com Catherine Walsh (2008), a colonialidade da natureza se refere aos processos de dominação e exploração dos bens naturais, mas sendo o ser humano parte da natureza essa colonialidade refere também às formas coloniais de poder que afetam o mágico-espiritual-social, dimensão que sustenta os sistemas integrais da vida.

Com essa grande exploração os bens naturais são tratados como algo que permanecerá para sempre, mas, logo se não repensarmos nossas práticas esses bens naturais serão extintos do nosso meio.

A colonialidade da natureza não pode ser confundida com uso natural que o ser humano faz dos bens naturais para atender às suas necessidades básicas. Refere-se à visão utilitarista, externalizada e mercantil da natureza, que a enxerga apenas como fonte de recursos (VIEIRA, 2016).

Quando olhamos para a realidade do sul do Piauí, observamos que a modernização da agricultura, especialmente, após as décadas de 1980 e 1990, intensificou a colonização dos bens naturais e ocasionou invisibilidade, marginalização, expropriação de territórios e dos modos de vida camponesa da região.

Hoje podemos notar o agronegócio cada vez mais presente nos espaços destinados as culturas camponesas como por exemplo, em algumas comemorações de cunho religioso, o agro se instala promovendo feiras agropecuárias e exposições, para promover a propaganda AGRO É TOP, como por exemplo nos festejos da cidade de Monte Alegre houve uma grande exposição de máquinas e pacotes químicos utilizados nos grandes projetos de monocultura, também podemos citar a ExporCorrente¹ e o Agroshow BJ².

Esses discursos são orquestrados de forma lúdica direta para cooptar o imaginário popular. São exemplos dessa forma de colonialidade do ser as músicas sertanejas que cantam sobre o campo. Vejamos dois exemplos:

¹ Evento que ocorre na cidade de Corrente Sul do Piauí, com ênfase na exposição agropecuária.

² Evento que ocorre na cidade de Bom Jesus com ênfase na exposição de maquinários usados na monocultura existente no cerrado Piauiense.

Podemos perceber o quanto a indústria cultural colonizadora, entrega a falsa ideia de “progresso” e “desenvolvimento”, principalmente pela supervalorização de modo de produção capitalista. Uma forma de colonizar o imaginário, pois sabemos que a cada visualização de uma música dessas, maior é o engajamento para essas indústrias exploratórias.

Esse cooptação não só envolve pelo ritmo, mas também com as propagandas televisivas promovendo um discurso favorável ao agronegócio. Também é possível observar o estímulo a lógica de modernização do campo “O trabalho braçal agora é maquinário” como se essa modernização promovesse riqueza para todos que trabalham no campo.

Como menciona Lucília Romão (2006, p.3), a música é “mobilizada para negociar sentidos favoráveis e positivos sobre o agronegócio”. Uma colonialidade do ser que prega imaginários de acumulação de bens materiais como horizonte de boa vida (LANG, 2016). Muitos camponeses(as) acabam se deixando levar por esses ideais; um legado epistemológico que nos impede de compreender o mundo a partir do próprio mundo em que vivemos e de nossas próprias epistemes (PORTO-GONÇALVES, 2005).

Nas feiras e exposições Agropecuárias se promove uma ideia de práticas camponesas, mas na verdade essas produções não inclui o pequeno produtor camponês, é somente marketing, como em outros meios que promovem essa divulgação e valorização do agronegócio.

O MATOPIBA é um grande exemplo de colonialidade do poder, do saber, do ser e da natureza, visto que promoveu um intenso processo de transformações na forma de fazer agricultura, mas também, nas crenças, rituais, saberes e modos de vida dos povos do Cerrado.

Resistências e contracoloniais na comunidade Riacho dos Cavalos

As colonialidades foram instauradas pela elite capitalista para desvalorizar seus conhecimentos passados de geração em geração. No entanto, como afirmam Silva e Pereira (2020, p.1), apesar das colonialidades, camponesas e camponeses, historicamente invisibilizados e marginalizados, vivem em resistência para se manterem no campo desde seu modo de vida.

Observamos na comunidade Riacho dos Cavalos muitas contradições. Se por um lado, a lógica desenvolvimentista do agronegócio tem conseguido cooptar as mentes de muitos camponeses, principalmente os homens mais jovens o acesso às tecnologias, e ter a escola como facilitadora do discurso do agronegócio, é um dos sistemas de entretenimento e

pertencimento criados na cidade como parte da colonização da mente das juventudes, por outro lado, ainda existem muitas resistências por parte das mulheres e das pessoas mais idosas, como discente do curso de licenciatura em educação do campo também sou resistências a esses modelos opressores e excludentes de nossa sociedade.

Vimos que essa resistência se dá a partir do momento, em que os camponeses(as) continuam aplicando seus conhecimentos e práticas tradicionais em seu cotidiano, ou repassando esses conhecimentos a seus filhos (as) ou qualquer outra pessoa, que possa reproduzir suas práticas. É dessa resistência que surge a valorização desses costumes.

Nas rodas de conversa com os camponeses da comunidade Riacho dos Cavalos, pudemos perceber que apesar da colonialidade e da mudança na forma de pensar e agir de muitos moradores, muitos mantêm suas tradições. E até aqueles que estão influenciados pela lógica desenvolvimentista guardam muitas características que são próprias do modo de vida camponês. Observamos que a cultura do agronegócio os camponeses aderiram a lógica do pacote e plantam de forma separada como é o caso da melancia e do milho transgênico. Entretanto, os demais cultivos permanecem sendo cultivados em consórcios de forma diversificada

São exemplos dessa diversificação os cultivos de feijão, mandioca, fava, milho, macaxeira, legumes, verduras e frutas. Essas culturas são a base para a alimentação da família, e, também, para a alimentação dos animais. Outros camponeses, especialmente os mais idosos, não foram cooptados pela lógica do agronegócio. Logo após a primeira roda de conversa, um dos camponeses nos levou para conhecer o agroecossistema em que ele produz de forma tradicional. Pudemos notar uma verdadeira relação de cuidado e reciprocidade entre ele e seu agroecossistema.

Na minha roça, dona, o único trator que entra é minha enxada. Nunca botei trator pra arar lá e os resto de palha que fica eu deixo lá pra apodrecer e aduba a terra (Entrevistado 3).

Nas falas e observações analisamos as contracolônialidades exercidas em relação à aquisição de sementes e produtos do agronegócio. Como mencionaram nas rodas de conversa:

Eu mesmo não gosto da carne desses porcos de raça e também não gosto do galeto, eles são cheios de hormônio. São, por isso, que a gente é tudo inchado. Eu mesmo gosto é da galinha caipira que é

pura e não adoece a gente (Entrevistada 11).

Eu uso remédios caseiros por que eu me sinto melhor. Esses medicamentos de farmácia você toma pra aliviar um problema e causa outro. Então eu me sinto melhor tomando remédios caseiro que nem o sumo de mastruz, casca de aroeira, o sumo do São Caetano que é bom pra um bocado de coisa (Entrevistada 8).

Aqui eu tenho o costume de guardar as sementes (Figura 8) de milho, feijão, melancia, as manivas da mandioca, abóbora, por que quando vêm as primeiras chuvas e pra eu já ter tudo preparado pra plantar. Aqui o que a senhora procurar de semente pra plantar acha” (Entrevistado 3). Aqui nessa terra eu planto o milho e quando o milho morre eu deixo as palhas nos pés de mandioca pra adubar a mandioca. A mandioca serve de cobertura para os pés de feijão. Os pés de milho também ajudam os pés de fava subir. Eu planto o feijão e no meio do feijão eu planto banana e também não desmato tudo não. Eu deixo a mata ao redor da roça e aqui nessa roça nunca entrou trator não. O único trator que entra aqui é minha enxada (Entrevistado 3).

Esses exemplos dialogam com o pensamento de Mazzeto Silva, menciona que, muitas comunidades do cerrado “possuem uma íntima relação com esses lugares que habitam e essa relação histórica produz um conhecimento ancestral desses ecossistemas e de seu uso” (2009, p. 100). A cultura revela a compreensão profunda da lógica sinérgica de gaia, o sistema vivo, aplicado à agricultura, mas também uma compreensão equilibrada da nutrição humana. na pratica do consórcio ancestral as 3 marias – vitaminas, carbo-hidrato e proteínas. Os relatos durante as rodas de conversa, nos faz inferir que existe a entrada da lógica do agronegócio no modo de produção camponês, mas muitos desses camponeses já a recuam.

Alguns camponeses da comunidade estão repensando seu modo de cultivo. Um camponês relatou que usa sementes, adubo e herbicida, mas que vem diminuindo e voltando aos cultivos como eram antes. Segundo o camponês,

É muito alto o investimento para manter essas práticas vindas do

agronegócio, tanto o preço das sementes como o dos agrotóxicos. Eu testei a melancia sem o adubo e vi que dá quase a mesma coisa. A terra aqui é boa. Tem também os casos de envenenamento por agrotóxicos, aí a gente fica com medo” (Entrevistado 13).

Embora muitos costumes e práticas tenham sido apagados das práticas cotidianas na comunidade Riacho dos Cavalos, ainda restam aquelas que resistem e ainda existem, mesmo com o avanço das colonialidades e grande desvalorização das culturas camponesas podemos citar as esmolos, onde os foliões cantam e rezam em esmolos tanto na comunidade Riacho dos Cavalos quanto em outras comunidades. A esmola é a forma que alguns cristãos encontram para pagar promessas feitas em horas de aflição e desespero. No dia da esmola os foliões cantam o canto do santo a qual aquela esmola é dedicada e também de outros santos. O que também não pode faltar nas esmolos são os sambas para alegrar todos os presentes. Ao final do dia, após passar em todas as casas da comunidade e retornar para a casa do dono da promessa, as pessoas rezam para finalizar o dia e o que foi arrecadado é dividido entre os foliões.

Essas práticas eram encontradas com mais frequência nas comunidades camponesas, embora esses costumes tenham diminuído ainda existe uma parte que resiste e se faz presente nas manifestações culturais tradicionais na comunidade Riacho dos Cavalos.

Outro costume que se faz presente na comunidade Riacho dos Cavalos é a prática que muitos camponeses e camponesas trazem consigo há muitas gerações. São as rezas para diversas eventualidades, como por exemplo fechar o corpo, arca-caída, quebranto, dor de cabeça, picada de cobra e para engasgo.

Nas comunidades camponesas ainda existem camponeses que desenvolvem esses saberes, não tão frequentes como antigamente, mas mesmo com as eventualidades ainda encontramos camponeses e camponesas que são guardiões desses saberes que fazem a identidade camponesa marcada por uma grande e constante desvalorização desses saberes.

Ainda nesse contexto das crenças, vale destacar que todos os moradores da comunidade levam em conta as fases da lua em vários momentos da produção. Nas rodas de conversa, até aqueles que aderiram os pacotes das monoculturas guardam a tradição de observar a “lua boa” para o plantio, para a colheita e para o armazenamento da produção. Como mencionam: “Se a farinhada não for feita na lua boa, a tapioca não rende, a farinha não

rende e enche de gorgulho quando a gente guarda”. “Você não pode tirar madeira na lua nova que não presta, dá cupim”. “A gente tem que plantar na lua certa. Os projeteiros não levam isso em conta não, mas é melhor a gente não arriscar”. (Entrevistado, 12).

Conforme já mencionamos, as mulheres tem sido muito resistente às colonialidades. Um exemplo são as práticas de saúde desenvolvidas pelas mulheres. Todas as entrevistas informaram saber fazer uso de plantas medicinais e ter plantas em casa. Nesse sentido podemos perceber que as mulheres desenvolvem trabalhos reprodutivos e os homens os trabalhos produtivos, nesse sentido podemos perceber o patriarcado presente nessas relações mesmo nos dias atuais.

As raizeiras da comunidade Riacho dos Cavalos, têm os saberes sobre as plantas medicinais encontradas na natureza e suas indicações como tratamento, nos saberes guardados ao longo dos anos. Observamos que elas preparam desde chás, garrafadas, banhos, lambedores e banho de assento, que auxiliam na restauração e cuidado da saúde. Quando o acesso a hospitais era quase impossível eram essas camponesas (es) que indicavam e preparavam o melhor tratamento e quais plantas medicinais auxiliariam nesse processo de cura. Por esses e outros motivos se torna de suma importância mantermos e valorizarmos esses costumes e saberes camponeses garantindo assim o devido reconhecimento desses saberes práticos e culturais por elas guardados.

Aqui minha filha eu tomo casca de caju pra controlar a diabetes, faço as garrafadas de casca de aroeira barbatimão e candeia, que serve pra nós mulher e eu não deixo de fazer meus remédios tomar e fazer também pra quem quiser tomar (Entrevistada 8).

Aqui eu faço o sumo de mastruz, faço e todo dia chá de erva cidreira pra ficar com a mente no lugar. Faço sumo de boldo quando eu tive que fazer a cirurgia no útero eu tomava muito. Quando meu marido atacou o derrame na primeira vez, eu levava o chá de velame escondido pro hospital e dava pra ele. (Entrevistada 6).

De acordo com Vandana Shiva, os saberes das mulheres são ignorados e invisibilizados pela lógica patriarcal. Para a autora, a mulher foi excluída ou invisibilizada dos processos produtivos, políticos, econômicos e científicos ao longo da história (SHIVA, 1995). Desse modo, são as maiores vítimas do desenvolvimento e das colonialidades do poder, do saber, do ser e da natureza (SILVA, PEREIRA, 2021). Entretanto, observamos que essas

mulheres são responsáveis por várias práticas de saúde que evitam as pessoas das comunidades precisarem se deslocarem para a cidade em busca de médicos.

Vandana Shiva (1995), mostra que existe uma forte interação entre mulher e natureza. Uma dimensão a ser ressaltada desta relação diz respeito à apropriação da natureza pela mulher que não constitui uma relação de dominação, mas de cooperação com a terra. Isso ficou claro na pesquisa, pois as mulheres preferem a diversidade, guardam as sementes e não querem, por exemplo, usar agrotóxicos, muitas já não querem mais que seus companheiros/ filhos façam esse uso por medo das reações futuras a toda essa exposição.

Considerações finais

Ao término dessa pesquisa, é possível concluir que houve várias transformações no modo de vida e de produção na comunidade Riacho dos Cavalos.

A pesquisa mostrou, que a lógica desenvolvimentista do agronegócio se aproxima, cada vez mais, da comunidade, seja pelos discursos veiculados nos meios de comunicação como televisão, internet e propagandas de rádio, seja pela divulgação e fluxo de informação trazidos pelos jovens locais que saem para trabalhar nos grandes projetos de monocultivos de soja, milho e criação de bovinos.

No que se refere aos aspectos produtivos, a pesquisa deixou evidente que as colonialidades atingem de forma mais intensiva os homens da comunidade. De modo geral notamos que enquanto as mulheres ainda guardam sementes, os homens compram. Enquanto as mulheres focam na diversificação da produção, pois além dos cultivos anuais cuidam de hortaliças, ornamentais e da criação de pequeno porte como galinhas, patos, marrecos, cocá, os homens focam nos monocultivos de milho, melancia e na criação de bovinos. Enquanto as mulheres fogem dos agrotóxicos, os homens compram e aplicam esses agrotóxicos.

A pesquisa evidencia que existem muitas contradições na comunidade. Aqueles que estão aderindo aos pacotes tecnológicos do agronegócio, ainda mantêm saberes características do campesinato. Por outro lado, aqueles que ainda mantêm muito forte o modo de produção camponesa, também aderem em algum momento aos produtos dos impérios alimentares e acreditam ser esse um caminho para boa alimentação.

Igualmente, existem situações em que algumas famílias estão se aproximando da lógica desenvolvimentista e começando a aderir técnicas de cultivos e criação nos moldes dos pacotes tecnológicos. Mas também, existem camponeses que já observaram que as técnicas impostas não condizem com a realidade local e estão retomando os tratos

culturais e sementes que já tinha na comunidade, no que se refere aos aspectos culturais da comunidade, a pesquisa evidencia que muitos saberes, costumes e tradições foram apagados e desvalorizados em decorrência do avanço das colonialidades. Entretanto, a riqueza da cultura camponesa resiste em uma fina camada dos camponeses que mesmo com a desvalorização de seu modo de vida, produção, cultura e costumes, ainda valorizam, praticam e dividem essa riqueza com as gerações mais novas. A pesquisa trouxe vários exemplos singelos que nos permitem inferir que as colonialidades ainda não penetraram todas as mentes camponesas.

Referencias

- ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016. 264 p.
- FIAN International, Rede Social de Justiça e Direitos Humanos, Comissão Pastoral da Terra (CPT). **Os custos ambientais e humanos do negócio de terras**: o caso do MATOPIBA, Brasil, 2018.
- LANG, Miriam. Introdução: alternativas ao desenvolvimento. In: Dilger, G; Lang. M.; Pereira Filho, J. (Orgs.). *Descolonizar o imaginário: debates sobre o pós-extratativismo e alternativas ao desenvolvimento*. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2016.
- MALDONADO-Torres, N. La descolonización y el giro des-colonial. *Comentário Internacional*, 7,65-78. 2007. Disponível em: <https://revistas.uasb.edu.ec/index.php/comentário/article/view-130>.
- MAZZETO SILVA, Carlos Eduardo. Ordenamento Territorial no Cerrado brasileiro: da fronteira monocultora a modelos baseados na sociobiodiversidade. **Desenvolvimento e meio ambiente**, v. 19, 2009.
- MAZZETTO SILVA, Carlos Eduardo. **Os cerrados e a sustentabilidade**: territorialidades em tensão. Tese de doutorado. Programa de pós-graduação em geografia da universidade federal fluminense. Niterói /RJ. 2006.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos, Walter. *Dos cerrados e de suas riquezas: de saberes vernaculares e de conhecimentos científicos* 2019.
- QUIJANO, A. Colonialidad del poder y clasificación social. In Castro-Gomes, S.; Grasfoguel, R. (Eds.). *el giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá : Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales. Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 93-126.
- ROMÃO, Lucília Maria Sousa. O discurso do agronegócio e a evidência do sentido único. **Revista Nera**, p. 1-13, 2006.
- SHIVA, V. **Abrazar la Vida**: Mujer, ecología y desarrollo. Madrid: Horas y Horas, 1995.
- SHIVA, V. *Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*. São Paulo: Gaia, 2003.
- SILVA, V, R da; Pereira, M.C. de B. Das colonialidades à emergência de um novo paradigma no Semiárido brasileiro desde as racionalidades camponesas: um caminhar para além do desenvolvimento. **Revista Meio Ambiente e Desenvolvimento**, 2020
- VIEIRA, Jhonatan. *Colonialidade e Teoria Decolonial em Aníbal Quijano. Perspectivas Latino Americanas*, 2016.
- WALSH, C. *Interculturalidad, plurinacionalidad y decolonialidad: las insurgencias*

político-epistémicas de refundar el Estado. Tabula Rasa, Bogotá, 9, 131-152, jul.-dic. 2008.